

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 23

Data: 14.01.79

Pg.: 40

Índios contra a Funai na tese de extrair madeira

Da sucursal de **PORTO ALEGRE**

"É preferível que fique tudo embaixo d'água, pois não adianta só eles tirarem proveito, enquanto os índios ficam na mesma miséria que têm vivido até agora." Essa é a opinião do secretário do Conselho dos 800 xokleng e kaingang do posto indígena de Ibirama, em Santa Catarina, João Adão de Almeida, que ontem, em Porto Alegre, manifestou a decisão dos indígenas em não permitir a extração de 15 mil metros cúbicos de madeira nobre da reserva, pretendida pela Funai, sob a alegação de que parte da área será inundada devido à construção da barragem do rio Hercílio Luz.

Segundo o líder indígena, os xokleng estão "ressabiados" porque nas duas últimas vezes em que houve extração de madeira da reserva eles não foram beneficiados com o mesmo valor da retirada. João Adão de Almeida contou que quando a firma Manoel Marquete retirou madeira "foi extraído muito mais do que dizia no contrato e até hoje não voltou o dinheiro do excesso". Na outra vez, há três anos — ainda segundo o xokleng —, "foram construídas 40 casas em troca das árvores, mas este valor nunca vai ser igual ao que foi tirado em madeira".

O vice-presidente da Associação Nacional de Apoio ao Índio, Caio Lustosa — que entrou com mandado de segurança contra a Funai —, chamou a atenção para os aspectos legais que envolvem a retirada de madeira nobre, lembrando que em caso de alagamento por construção de barragem, a Funai

precisa de autorização da Presidência da República, que se dá por meio de decreto, e a desapropriação da área atingida cria a necessidade de doação de outra área igual e com as mesmas características.

Sobre a participação dos indígenas na negociação da madeira, disse o advogado gaúcho: "Não é nenhum favor da Funai, pois está prevista no próprio Estatuto do Índio, que no parágrafo único o artigo 42 afirma que as gestões devem ter a participação e fiscalização dos síndicos, ainda mais neste caso em que a comunidade tem condições de gerir a retirada da madeira".

João Adão de Almeida também se queixou da falta de apoio da Funai que não fornece instrumentos de trabalho, obrigando a maioria dos índios a trabalharem como peões diaristas nas propriedades vizinhas em troca de 50 cruzeiros diários. Por tudo isto, os índios de Ibirama se reuniram há dois meses e escolheram 16 representantes que formaram um conselho, liderado por Olímpio Vetcha Priprá, mas tanto o chefe do posto, conhecido por Lombardi, como a própria Funai não querem reconhecê-lo.

Segundo o secretário do conselho, Olímpio Priprá viajou há uma semana para Brasília para se encontrar com o presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, e tratar com ele todos esses assuntos. João Adão Almeida finalizou lembrando que se não houver condições de negociação que satisfaça os índios, a comunidade deverá embargar a retirada de madeira, deixando que "tudo fique embaixo d'água mesmo".